

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Jaqueline de Oliveira Moreira

A TRAJETÓRIA E OS DISCURSOS POLÍTICOS DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Leonardo Silva Andrada

Juiz de Fora

2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Jaqueline de Oliveira Moreira, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672076A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A TRAJETÓRIA E OS DISCURSOS POLÍTICOS DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE**, desenvolvido durante o período de 17/07/2018 a 28/11/2018 sob a orientação de Leonardo Silva Andrada, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 28 de Novembro de 2018.

Jaqueline de Oliveira Moreira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

A TRAJETÓRIA E OS DISCURSOS POLÍTICOS DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE

Jaqueline de Oliveira Moreira¹

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é analisar os discursos do MBL (Movimento Brasil Livre) ao longo de sua trajetória política e entender os instrumentos mobilizados em cada fase analisada, desde o seu surgimento, nas manifestações de Junho de 2013, até a última, que chega até os dias atuais. Em um evidente crescimento dos ideais liberais entre os jovens no Brasil, o MBL surge como uma das principais vozes dessa corrente, de maneira que desvendar a dinâmica desse movimento é necessário para a compreensão do momento político vivenciado pelo país. A análise parte da separação dessa trajetória em três momentos, que foram determinados pela principal característica dos discursos do grupo, que foram percebidos como: um momento inicial, como momento antipetista, que se vale das pautas anticorrupção e do antipetismo para ganhar força e base de apoio dentre os setores insatisfeitos com o resultado das eleições de 2014; posteriormente, a radicalização do discurso liberal, momento que durou pouco tempo e teve por característica a aproximação do movimento com as forças tradicionais da direita e a tentativa de popularizar ideias neoliberais; e por fim, o momento do conservadorismo moral, que busca ampliar sua base de apoio utilizando dos discursos moralistas com a intenção de trazer a disputa política para onde a direita tem vantagem na sociedade brasileira, conservadora em sua maioria.

PALAVRAS-CHAVE: MBL, nova direita, antipetismo, liberalismo, conservadorismo.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil vive um momento de profundas mudanças, com a confluência de fenômenos do cenário local e mundial determinando os rumos econômicos e políticos do país. A empreitada realizada neste trabalho passa por uma tentativa em realizar um recorte através de um ator político, o qual vem se sobressaindo na condução das novas pautas que ocupam hoje o centro das disputas sociais. A escolha do MBL como grupo de atuação política recente é também uma busca de entendimento sobre o momento vivido pelo Brasil, uma vez que na trajetória desse movimento estratégias de atuação que podem nos ajudar a entender os interesses e os instrumentos utilizados, não apenas pelo MBL, mas por diversos atores políticos da nova direita que vem crescendo e tomando força nos últimos anos.

A maneira como o grupo se rearranja a medida em que sua trajetória avança demonstra incoerências em diversos momentos, os ideais do liberalismo vão se mesclando a discursos moralistas e religiosos com o objetivo de criar uma vanguarda de direita nas representações políticas, aonde a direita vinha perdendo espaço e influência. O grupo busca, nas atuações da esquerda dentre os setores jovens, exemplos de como receber apoio da juventude e trazê-la para a direita do espectro político. A utilização das redes sociais para revolucionar o visual da direita teve grande importância no sucesso de toda uma nova direita que surge das atuações por meio de, principalmente, Facebook, Youtube e Whatsapp. A estruturação desses grupos por meio da internet acontece em um momento de esquerda dividida entre oposição e situação, no qual grande parte dos setores de esquerda foram coalizados pelo governo Lula e perderam atuação política além do poder de mobilização nas ruas, tendo toda a estrutura de organização e luta política sendo incorporada pelo governo, assim sendo incapaz de dar voz à oposição de esquerda; e outra parte da esquerda desorganizada, com atuações pontuais em vários momentos, porém sem se organizar em grupos capazes de liderar os setores de esquerda, sem força para atuar em grande escala, ou ainda com medo de que uma crítica ao petismo pudesse significar uma vitória dos setores de direita.

A escolha por separar a trajetória do grupo analisado se dá pela aparente preponderância apreendida nas ações e estratégias políticas em três momentos, entendendo que a separação em momentos não tem pretensão de determinar um começo e fim dos discursos colocados, que estão sempre perpassando por entre as fases, mas de mostrar a importância que é dada - maior ou menor - a cada um em cada fase. Apesar de um grupo que toma para si o rótulo liberal desde o seu surgimento, a divisão aqui realizada pretende entender como

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: jaqueline.omo@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Leonardo Silva Andrada

o grupo se coloca no campo dos embates ideológicos, no qual fica claro que houve uma escolha de iluminar partes diferentes de um discurso como estratégia referente a um fim, o de obter apoio popular.

2. A importância das jornadas de Junho de 2013 no surgimento do MBL

Para entender a trajetória do Movimento Brasil Livre, é fundamental entender o contexto do seu surgimento. O Brasil passa, no período de junho de 2013, por uma das maiores manifestações da sua história, iniciando-se com o Movimento Passe Livre em São Paulo como resposta ao aumento da tarifa de ônibus, conhecido como *Jornadas de Junho*, o movimento que espalhou-se rapidamente pelo país em uma reação em cadeia, que reverberou pautas sociais diversificadas, mas que tinha a ampliação dos direitos sociais como base em sua maioria.

As manifestações, que se iniciaram com um objetivo claro de contestar o aumento da tarifa em São Paulo, logo se transformaram num incipiente porta-voz das mais variadas insatisfações. Juntas, as oposições ao governo Dilma - pela esquerda e pela direita - clamavam por mudanças. O movimento teve como uma das principais características a rejeição a lideranças sindicais e a partidos políticos, uma demonstração de profunda insatisfação com as representações políticas do país. A classe média tradicional, presente nas manifestações em grande maioria como oposição à direita ao governo Dilma, começa a abrir, com as pautas anticorrupção e contra as ações assistencialistas dos governos petistas, o espaço para os movimentos de direita tomarem a frente do movimento.

As manifestações abriram espaço para a disputa entre dois projetos políticos, a classe média tradicional que adere aos protestos de Junho traz consigo uma variação de pautas e demandas para o centro das lutas sociais que antes tinham o protagonismo da esquerda como principal característica, e os movimentos de esquerda, que tinham como norte a ampliação dos direitos sociais em sua maioria, e a guinada à esquerda prometida pela candidata do PT em campanha.

[...] as características dos protestos de junho permitem supor que entramos em uma nova fase de mudanças, na qual os movimentos sociais tradicionais e os partidos políticos de esquerda disputam e/ou compartilham o protagonismo das lutas sociais com um leque mais diversificado de atores que emergem na cena pública portando um conjunto variado de demandas e projetos políticos. (Tatagiba, 2014, p. 58)

Na medida em que o movimento seguia sem lideranças ou pautas claras, a grande mídia tradicional ajudou a desenhar essas bandeiras como o clamor das ruas e uma nova direita passa a tomar o espaço para erguer as suas pautas e liderar as manifestações. As pautas liberais e conservadoras começam a tomar força então nesse contexto, dando uma roupagem de direita ao movimento, com foco na corrupção e nas pautas moralistas como “cura gay”. A direita, com seu protagonismo nas manifestações vai fortalecer as pautas contrárias às progressistas que vinham sendo priorizadas desde o governo Lula no Brasil, em 2002. O sentimento antipetista começa a tomar mais força e se organiza em prol de uma mudança de poder. Como coloca Ederson Duda em seu artigo, que propõe um estudo de caso sobre o MBL:

O campo da direita passou a se organizar para além da política tradicional, ocupando cada vez mais espaço no debate cultural, político, econômico e social através das redes sociais da internet e das ruas. As idéias neoliberais e conservadoras se fortaleceram e a direita apresentou uma agenda que rompe com o progressismo da última década, apoiada numa ação valorativa que visa o anti-direitos trabalhistas e sociais, anti-mulheres e antimínorias, expresso nos avanços sociais da década lulista. (DUDA, 2017, p.5)

Era necessário que surgisse uma liderança que rompesse com as ideias tradicionais da política, em um movimento claro de rejeição aos velhos símbolos da luta política, como a polarização PT *versus* PSDB, as manifestações não aceitavam lideranças de partidos políticos, bandeiras, cores tradicionais de partidos ou mesmo atores políticos. Em um cenário que havia surgido na horizontalidade pelo uso democrático das redes, no caráter jovem e insatisfação com a tradição política, o MBL tinha todos os requisitos para se mostrar uma liderança dessa massa, tendo em vista ainda que os setores de esquerda que começaram liderando as manifestações se negaram a assumir uma posição de verticalidade como oposta aos seus valores de base, estava se delineando o espaço que viria a ser ocupado pela nova direita. Movimento que se iniciou como uma página do Facebook como movimento apartidário, com uma linguagem jovem sem vínculo com nenhuma figura

política e pautas que dialogavam com uma massa que antes não se enxergavam dentro da polarização tradicional, o MBL consegue um protagonismo jovem e bases de apoio pela internet. A convocação para manifestações de rua passa a ser uma ferramenta para a expansão do seu apoio e sua influência política, saem das Jornadas de Junho na linha de frente da nova direita, vitoriosos em trazer as pautas liberais para o centro da disputa política.

Apesar de seu surgimento em 2013, a expressividade do MBL começa a se dar nas eleições presidenciais de 2014, ano de polarização política entre a esquerda, na figura de Dilma Rousseff (PT), e a direita, na figura de Aécio Neves (PSDB), sendo entre esses atores a disputa no segundo turno das eleições. O grupo vai tomar o lugar de oposição declarando apoio à candidatura de Aécio Neves, fazendo campanha em prol do candidato e, principalmente, endossando o discurso antipetista nas redes. Com a vitória acirrada da candidata petista, o grupo tem na estratégia antipetista, a possibilidade de alcançar os insatisfeitos com o resultado das eleições e investe, nesse primeiro momento, no discurso para atingir essas pessoas. Convocando manifestações de impeachment da recém reeleita presidente, o MBL sai na frente como uma liderança da nova direita.

O MBL nasce na conjuntura dos acontecimentos de junho de 2013, se organizando de forma mais dinâmica e estrutural a partir de 2014 através das redes sociais em torno da candidatura do tucano Aécio Neves. Em seguida passa a articular diversos protestos em várias regiões do Brasil pautando tanto o afastamento de Dilma Rousseff como o fim da era "lulopetismo".(DUDA, 2017, p.7)

2. 1. Antipetismo e o discurso anticorrupção

Apesar de a corrupção ser fato recorrente na sociedade brasileira e não exclusividade do PT, as pautas antipetista e anticorrupção caminham juntas, de maneira que não é possível entender a importância da anticorrupção sem se debruçar sobre o antipetismo.

Por anos a imprensa usa os escândalos de corrupção do PT como ferramenta para diminuir sua popularidade e aumentar sua rejeição. Mas como foi possível ver nas manifestações pró impeachment da Dilma em 2014, uma parcela da população com ideais à direita mostrou que parte da insatisfação com o petismo provém das pautas progressistas de assistência aos pobres implementadas pelo partido. A pauta anticorrupção vem para massificar o movimento e dar voz aos setores da sociedade que estavam esquecidos.

O antipetismo dos manifestantes que foram às ruas este ano não procede simplesmente de uma reação às notícias sobre corrupção, provém também da divergência com projetos e políticas redistributivas e de expansão dos direitos de minorias. O noticiário é gerado para ser consumido, e existe um mercado à procura de um porta-voz que expresse sua ideologia de direita, traduzida, hoje, no antipetismo.(TELLES, 2015, p.38)

Helcimara Telles, em seu artigo *A direita vai às ruas* pode explicar como a pauta anticorrupção é utilizada nas campanhas eleitorais ou grupos políticos. Ela toma peso por não ser associada a uma ideologia de esquerda ou direita, necessariamente, é defendida por pessoas de qualquer espectro político e por isso tem um apelo grande. A essa se dá o nome de valência, as pautas neutras, e a associação a elas pode determinar o sucesso de setores da sociedade e grupos políticos.

Em sociedades com alta volatilidade eleitoral, reduzidos vínculos entre partidos e eleitores e elevado número de independentes, como no caso da brasileira, candidatos que conseguem se integrar positivamente a uma valência, seja por seus atributos funcionais ou pessoais, têm maiores chances de êxito eleitoral. A oportunidade de vitória dependeria, então, menos da ocorrência de proposições políticas diferenciadoras entre os partidos, e mais das suas associações a uma questão conjuntural apoiada pela maioria da opinião pública. (TELLES, 2016, p. 108)

É nesse contexto que é possível explicar o sucesso do MBL nesse primeiro momento. Se associar às pautas antipetista e anticorrupção era quase certeza de conquista dessa parcela da população que não se via representada pelas pautas da esquerda, e se via insatisfeita com os escândalos de corrupção associados, um após o outro, aos governos PT.

O MBL surge num momento de ascensão da nova direita, com um visual novo, apelo a juventude e porta voz do neoliberalismo no país. Se desprende da imagem da direita tradicional e vai ocupar os espaços das redes sociais enquanto busca apoio popular e poder de mobilização. Demonstrou nesse primeiro momento uma capacidade de organização através das redes que vai caracterizar essa nova direita, toma um dos papéis centrais no processo de impeachment da presidente Dilma e isso vai garantir a partir de então sua base de apoio.

3. O fenômeno da ascensão da direita no mundo e o paralelo do thatcherismo com os ideais defendidos pelo MBL

O processo de ascensão de uma “nova direita” está ligado a criação e disseminação das ideias neoliberais iniciado na década de 1970. Após a crise de superprodução pós guerra sofrido no mundo capitalista, as ideias neoliberais ganham adesão, no fôlego da reconstrução sistema e tem em um de seus principais nortes o desmonte do estado de bem-estar social alcançado anteriormente nos EUA e Europa.

[...] o neoliberalismo toma forma no final da década de 1970 como 'Reaganismo' e 'Thatcherismo', e consiste essencialmente em uma tentativa de recompor a primazia, e recuperar o âmbito, da produção de mercadorias. Renegando as formas social-democratas que acompanham o estágio intensivo, nega a crise estrutural e histórica do capitalismo e se volta às origens desse, do tempo do liberalismo – daí o nome de neoliberalismo. (HOSSOÉ, 2015, p. 5)

O Thatcherismo vem como a aplicação desses ideais na Europa. O Estado de bem-estar social vai ser associado, no discurso neoliberal do thatcherismo, à responsabilidade por grande parte dos gastos públicos, ao aumento do desemprego e à noção de dependência ligada aos benefícios sociais. Traz ainda o incentivo às privatizações e terceirizações, além de uma veia fortemente oposta aos governos da social democracia. Vai produzir o desmonte do Estado de bem-estar, a desregulamentação dos mercados financeiros e a privatização em massa na Inglaterra, além de passar por cima de sindicatos e ser implacável na busca dos seus interesses. As políticas neoliberais vão ainda alcançar a América Latina como imposição aos devedores do FMI, sendo implantadas no Brasil de 1989 até o fim do governo FHC, em 2001. O legado do Thatcherismo vai ser buscado pelos setores de direita como “mal necessário”, uma vez que alcançou o fim da inflação e da estagnação da economia dos anos 1970, porém suas consequências são sentidas até hoje em todos os países que passaram pelas reformas neoliberais: o alto endividamento dos estados, a perda de postos de trabalho e/ou direitos trabalhistas, aprofundamento das desigualdades sociais. Os malefícios da implantação do neoliberalismo foram de tal maneira sentidos, que trouxeram ao mundo uma série de teóricos anti-liberais, dentre os quais, alguns que inclusive foram entusiastas da doutrina.

Os governos petistas vêm com um modelo de governo pós-neoliberalismo no Brasil, com a difícil tarefa de lidar com problemas herdados pela aplicação das políticas neoliberais, de maneira que vai fortalecer o Estado social democrata, garantidor de direitos, capaz de garantir desenvolvimento econômico e reduzir desigualdades através de programas assistencialistas de redistribuição de renda. A atenção desses governos se volta para aos direitos sociais, de maneira que seus efeitos foram sentidos por milhões de brasileiros que conseguiram ascender economicamente, como coloca Perlatto:

As consequências da adoção deste novo modelo seriam atestadas pela transformação significativa da estrutura social do país, mediante o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o combate à pobreza, à miséria e à desigualdade, que teriam conduzido à ascensão econômica e social milhões de brasileiros. (PERLATTO, 2015, p.259)

O projeto, iniciado por Lula, tem por mérito ter movido, ainda que de maneiras sutis, a estrutura da desigualdade no país, tirando os pobres do imaginário popular de servidão e o colocando como agente político, sujeito não apenas passivo na história, mas que constrói alternativas. Os programas sociais criados no governo Lula foram motivo ao mesmo tempo por sua popularidade nos setores mais pobres, e sua falta de popularidade dentre a classe média tradicional.

A nova direita, que vem construindo uma análise antipetista desde o primeiro governo Lula nas mídias, vê no projeto de esquerda de Lula um modelo a ser combatido. O fortalecimento do Estado, as políticas de

assistência às minorias, as políticas redistributivas e um projeto que passe pela redução das desigualdades, são elementos que vão ser combatidos pelos intelectuais da direita em diferentes narrativas. O fantasma de um comunismo a ser combatido sempre está em vias de retornar ao discurso. Desse discurso que se serve o MBL, em buscas de implementar um liberalismo que não ceda às pressões populares e que tenha na figura de Margaret Thatcher um exemplo a ser seguido, e que busca desmontar o modelo da social democracia em vias de ser construído pelos governos do PT. A narrativa criada pelo neoliberalismo e reverberada nas ações de Thatcher, busca nas desigualdades o fruto da competição e da livre iniciativa, sendo assim algo que pode contribuir positivamente para a busca dos indivíduos e dinamizar a sociedade; enquanto nos governos social democratas as desigualdades devem ser controladas pelo Estado, entendendo-as como prejudicial ao processo democrático. São as duas narrativas que estão em disputa no cenário político, e é no primeira que se alinha o pensamento do MBL.

Margaret Thatcher é abertamente uma das figuras políticas que inspira o líder do MBL, Kim Kataguiri, que já a declarou como uma heroína, juntamente com a figura de Reagan. As bandeiras levantadas pelo movimento demonstram a intenção de aplicar as mesmas políticas e linha de pensamento ao Brasil. O corte de gastos públicos e a intenção de reduzir o Estado de bem-estar social já se demonstraram suas preocupações: em aproximação com o governo Temer um dos coordenadores se mostrou disposto a ajudá-lo a apresentar as medidas impopulares de reforma da previdência e reforma trabalhista como 'mais palatáveis' utilizando sua influência adquirida nas ruas no impeachment da Dilma e seu apoio da juventude. Uma das condições para receber o apoio do MBL nessas pautas foi a de que o governo Temer não abrandasse nas negociações e não cedesse às pressões populares, a exemplo da aplicação do neoliberalismo na Europa.

A aproximação da nova direita com as ruas não foi suficiente para mostrar a ela a falta de aptidão das massas insatisfeitas em absorver os discursos neoliberais, uma vez que as *Jornadas de Junho* tinham mais pautas de aumento de gastos com saúde e educação, a busca por mais direitos e a insatisfação com medidas liberais tomadas pelo governo Dilma, não haveria como convencê-los abruptamente de que o corte com direitos sociais e a diminuição do bem-estar social seriam medidas positivas. De maneira que a aproximação do grupo com o governo Temer e a associação com as medidas de austeridade trouxeram ao movimento a impopularidade e perda de força nas ruas.

4. O conservadorismo moral - a retomada de forças

Com o objetivo de voltar a crescer, o movimento começa a pautar suas ações nas chamadas guerras culturais. Apontado como erro da direita tradicional nos últimos anos, o esquecimento das pautas relacionadas a cultura e moralidade, segundo Kataguiri, seria o motivo das derrotas políticas sofridas pela direita na última década, que teria focado demais em política econômica e deixado a esquerda tomar frente dessas pautas. Assim, usando sua projeção nacional, o maior marco dessa nova fase do grupo é o incentivo ao boicote à exposição de arte do grupo Santander, o *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*.

A exposição, realizada em Porto Alegre em 2017 - e reunia trabalhos artísticos com temas de diversidade sexual, questões de gênero e temáticas LGBT- foi acusada de fazer apologia à zoofilia, à pedofilia e de ofender a fé cristã por integrantes do MBL, que realizaram diversos protestos contra a mostra, juntando-se ainda com setores religiosos e propondo boicote. Ao participar de um movimento com tamanha visibilidade em todo o país, o objetivo do MBL de conquistar os setores moralistas da sociedade para junto de si na luta política começa a se desenhar. Em um congresso realizado pelo MBL para discutir as pautas liberais, Kataguiri defende seu posicionamento afirmando ser necessário trazer as pautas morais para junto do liberalismo e conservadorismo brasileiro.

O ataque à mostra artística realizada pelo grupo Santander mostra que o grupo não se mantém fiel aos valores de base, os valores do liberalismo, uma vez que a liberdade do indivíduo é o princípio fundamental do pensamento liberal, a censura às liberdades individuais e o cerceamento ao direito de livre expressão vai no sentido diametralmente oposto àquele defendido pela ideologia do grupo. Kataguiri, em um momento da sua trajetória diz que defende a principal minoria, o indivíduo, de maneira que o posicionamento em censurar as obras de arte expostas na mostra, demonstra um conflito de discursos ou interesses. O grupo, que deveria sair em defesa do indivíduo e suas liberdades individuais, sai em defesa dos valores cristãos e de um setor, não coincidentemente, detentor de grande parte de mobilização de apoio político.

A partir de então, a estratégia do grupo passa a ser o enfrentamento do que chamam de “marxismo cultural”, realizando discursos em cima de temas polêmicos como o movimento negro e as cotas raciais, o feminismo e a legalização do aborto, o projeto de lei nomeado *Escola sem partido*, além de outros. Os ataques ao chamado ‘marxismo cultural’ e ao politicamente correto são armas eficientes para impulsionar conteúdos em redes sociais como Facebook, Twitter e, principalmente, Youtube; assim, o grupo tem conseguido alcançar grupos cada vez maiores e, assim, sua estratégia vem funcionando e aumentando sua base de seguidores.

4. 1 Teoria da conspiração - “marxismo cultural”

A ideia de um marxismo cultural começou a denominar um alcance dos ideais marxistas, antes apenas no campo da economia, aos domínios da cultura. Um dos maiores nomes ligado à criação da conspiração, William S. Lind foi um polígrafo de extrema-direita norte-americano que escreveu diversos artigos sobre o assunto. Ele vai explicar que o marxismo cultural surge no contexto de pós primeira guerra, quando as previsões marxistas de revolução do proletariado falham e dois autores, Antonio Gramsci e Georg Lukacs vão atribuir a valores culturais da sociedade tradicional. Começa assim, uma tradição de autores marxistas que seguem pelos caminhos da análise social através da cultura, os pensadores da Escola de Frankfurt. Para Lind, esses autores começam uma tentativa de dominação da cultura e destruição das instituições tradicionais como família, por exemplo. Assim, os valores tradicionais seriam tidos, segundo essa teoria, como alvo de perseguição por parte desses autores na tentativa de implodir as bases do capitalismo ocidental. Ainda segundo ele, quando os autores da escola de Frankfurt são forçados a se saírem da Europa, eles vão ter a chance de influenciar na mais forte economia capitalista do mundo, os EUA. O sucesso de temas como feminismo, direitos gays e multiculturalismo nas instituições norteamericanas que se deram na década de 60, são segundo essa teoria, uma vitória do marxismo cultural em busca de destruir os valores cristãos e capitalistas. Desse momento também surge a associação do politicamente correto, que para Lind é um braço do marxismo cultural.

Lind vai defender, ao final dos anos 80, a tese de que a classe média e grande parte dos norte americanos se viam insatisfeitos com o declínio dos valores da sociedade tradicional, e que a associação da luta política a defesa desses valores traria a vitória política das pautas da direita. Haveria então um inimigo a se combater, o marxismo cultural nas instituições subvertendo os valores da sociedade tradicional e da família. A guerra cultural é traçada então em volta de valores humanistas e igualitários como os direitos das pessoas LGBT, das mulheres, contra o machismo, contra os excessos violentos do Estado na repressão de jovens negros periféricos. As pautas com apelo emocional passam a guiar a política mais do que a economia.

A aproximação das ideias do grupo MBL com as de Lind nesse terceiro momento é clara. A estratégia de transformar a luta política em guerra cultural, em que a identificação com um lado do espectro político se dá através da defesa ou não dos valores tradicionais tem conquistado bases de apoio que os ideais econômicos não possibilitariam aos liberais. Em entrevista à Revista Época, Kim Kataguirí (2018) defende abertamente que a luta política se dê através do campo moral:

São os valores morais que despertam paixões. Ninguém fica se matando para discutir a taxa de juros. A população em si não tem discussões apaixonadas sobre isso. Agora, sobre aborto, feminismo e cotas, as pessoas têm uma opinião. É algo que mobiliza bastante e faz com que a divergência política aflore.

A defesa incansável do grupo ao *Escola sem partido* é o exemplo de que as ideias de Lind continuam a influenciar movimentos políticos de direita, apesar de ter se tornado uma figura marginal no mundo uma vez que não existem hoje fatos que corroborem com sua visão de um marxismo dominando as principais instituições. O projeto surge de uma ideia difundida entre os setores da extrema-direita brasileira de que as escolas e universidades foram tomadas pelo marxismo cultural em uma tentativa de destruir os valores de base do sistema capitalista através da doutrinação marxista dos alunos. Apesar de ser um projeto que vai contra o pensamento liberal, que tem por fundamento as liberdades individuais defendidas pelo grupo, a estratégia política da defesa dos valores tradicionais às liberdades do indivíduo mobiliza uma base de apoio político cada vez mais ampla que a doutrina liberal por si não é capaz de atingir no Brasil.

As pautas sobre feminismo, aborto e cotas seguem a mesma lógica, juntamente com as críticas ao politicamente correto, termo altamente difundido de maneira pejorativa dentre os setores de oposição à esquerda. Para os indivíduos pertencentes ao grupo, as pautas e os direitos às minorias colocadas nos

governos petistas fazem parte desse chamado marxismo cultural que tomou conta das instituições, o termo politicamente correto, antes de produzir alguma igualdade e respeito nos espaços públicos, é visto como censura de pontos de vista distintos, cerceador das individualidades e da liberdade de expressão, essa última muito invocada pelo grupo quando pretendem tecer críticas ao movimento negro ou feminista, porém esquecida no ataque à obras de arte que ‘ferem a fé cristã’.

A desmoralização da oposição de esquerda pelo grupo se dá pelo uso recorrente de termos pejorativos como “feminazi” e “vitimista”, no intuito de invalidar as falas dos seus adversários. A tática é repetida em diversos vídeos da página do grupo no Youtube, vídeos que falam sobre o aborto, referindo-se aos favoráveis à descriminalização como “psicopatas”; sobre cotas, onde recorrem ao termo “vitimista” aos defensores da política de inclusão racial; dentre outros diversos exemplos. A estratégia foi levada para a arena política, onde integrantes do grupo disputaram diversos cargos, como consequência, o MBL já conseguiu, nas eleições de 2016, uma expressividade considerável em direção ao objetivo de produzir uma vanguarda liberal no poder público, em sua primeira eleição, o grupo conseguiu eleger um prefeito e sete vereadores, dentre os quais, o mais conhecido, Fernando Holiday (DEM), que deve parte do seu eleitorado ao fato de ser negro e falar contra o direito da população negra e, principalmente, contra as cotas raciais. As falas contra os discursos das minorias giram em torno do mesmo ponto, para eles, existe não um peso histórico, mas indivíduos que tomam para si o papel de vítimas da sociedade. As desigualdades históricas de grupos como mulheres e negros são categoricamente negadas, e o discurso meritocrático toma o lugar da justiça reparadora.

É necessário ainda sinalizar as últimas ações do movimento, nas eleições de 2018 e após as mesmas, ainda que sem o objetivo de apresentar uma análise sobre acontecimentos tão recentes, o movimento, ainda sem formar um partido tentou eleger 16 candidatos, dentre eles o líder, Kim Kataguiri - para Dep. Federal - e o youtuber Arthur do Val (Canal Mamãe Falei) - para Dep. Estadual - ambos eleitos no estado de São Paulo, com mais de 400 mil votos cada. A expressividade dos principais nomes do grupo pode ser demonstrada através desses números, que os colocaram, respectivamente, em quarto e segundo lugar nas eleições para os cargos nos quais se elegeram. Após as eleições, o MBL já discutiu a possibilidade de criar um partido político para o movimento. De maneira que a estratégia inicial, de ser um movimento sem partido e sem relações com a ‘velha política’, parece estar cada vez mais distante do que se tornou o movimento hoje.

5. CONCLUSÃO

Após as exposições realizadas, podemos observar as estratégias utilizadas pelo movimento desde o seu surgimento e compreender como elas vão traçando uma história de aproximações e afastamentos do seu sentido inicial. De esperanças para uma juventude liberal que não se identificava com as estratégias da direita tradicional, até a aproximação com a direita tradicional e o uso das mesmas estratégias, a construção de uma vanguarda liberal passa pelas incoerências da defesa da tradição cristã, do moralismo e da perseguição aos indivíduos com diferentes ideologias e suas expressões.

As fases explicitadas apreendem esses movimentos de aproximações e afastamentos, e como a força do movimento não está necessariamente ligada aos ideais de base, mas com os discursos que se aproximam a apelos emocionais. Os temas a que se apegam o grupo em cada fase demonstram o peso que eles possuem no cenário político e como podem influenciar o rumo de eleições e seus resultados. Apesar de surgirem como uma proposta de movimento jovem representante da nova política, abraçada aos ideais liberais e sem interesse em alianças com partidos de qualquer direcionamento do espectro político, sua força maior nessa primeira fase se deposita do discurso de oposição ao PT e radicalmente contra corrupção. Já na segunda fase, admitem receber financiamento de partidos de direita, o discurso contra corrupção vai para o esquecimento ao se associar com figuras envolvidas em grandes esquemas de corrupção como Eduardo Cunha, Aécio Neves e Michel Temer; aqui, as ideias de apelo emocional dão lugar à radicalização do discurso liberal, afim de aprovar, junto a esses atores políticos, pautas impopulares como as reformas que retiram direitos da classe trabalhadora. Após a consequente perda de apoio, o movimento entra na sua terceira e última fase, uma guinada às ideias moralistas em prol do discurso econômico. A perseguição aos atores sociais representantes das minorias e da esquerda é uma das principais estratégias utilizadas nesse terceiro momento, fundados sempre numa visão dicotômica permitida pela moralização dos debates, o movimento conseguiu com essa estratégia se tornar porta voz dos valores do povo e ao mesmo tempo defender uma agenda econômica radicalmente contra essa mesma base de apoio.

A importância de entender os movimentos traçados pelos atores políticos em seus objetivos de defender sua agenda se torna fundamental em momentos de disputas intensas como o vivenciado hoje no Brasil. Compreender e analisar essas estratégias são tarefas que devem ser empreendidas pelos que buscam traçar novas estratégias nessa disputa, de maneira que esse trabalho pretende dar um passo a mais nesse caminho.

Referências

DUDA DA SILVA, E. **AS BASES DA NOVA DIREITA: estudo de caso do Movimento Brasil Livre na cidade de São Paulo**. 2017.

TELLES, Helcimara. **A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protesto antigoverno**. Ponto e Vírgula, PUC SP, No. 19, 2016.

TELLES, H. **Corrupção, antipetismo e nova direita: elementos da crise político-institucional** . *GV-executivo*, v. 14, n. 2, julho-dezembro, 2015.

PERLATTO, Fernando. **Decifrando o governo Lula: interpretações sobre o Brasil contemporâneo**. Revista de Ciências Humanas, Viçosa, v. 15, n. 1, p. 256-272, jan./jun. 2015.

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992, 2013. **Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil**. Revista Política & Sociedade. v.13, n.28, 2014.

LIND, William S. (2008). **“What is Cultural Marxism”**, *Maryland Thursday Meeting*. Disponível em: <<http://www.marylandthursdaymeeting.com/Archives/SpecialWebDocuments/Cultural.Marxism.htm>> Acesso em: 28 nov. 2018.